

# Os cinemas estão acabando

Carlos Drummond de Andrade

Esse Rio de Janeiro! O homem passou em frente ao Cinema Rian, na Avenida Atlântica, e não viu o Cinema Rian. Em seu lugar havia um canteiro de obras. Na Avenida Copacabana, Posto 6, o homem passou pelo Cinema Caruso. Não havia Caruso. Havia um negro buraco, à espera do canteiro de obras. Aí alguém lhe disse: “O banco comprou”.

Assim, pois, desaparecem os cinemas, depois de terem desaparecido, ou quase, os freqüentadores de cinema. Estes ficaram em casa, vendo figuras pela televisão, primeiro porque é mais seguro, evita assaltos; segundo, porque é mais barato, e terceiro, porque o cinema convencional saiu da moda.

Só por isso? Quem já viveu bastante aceita os motivos e ajunta-lhes um outro, que é o motivo dos motivos, e a verdade das verdades: tudo passa. Passam as civilizações, os impérios e os cinemas. A televisão não fique impando de orgulho e suficiente, julgando-se eterna. Não é. O homem conheceu inúmeras formas de lazer e divertimento, e conhecerá outras. Daí a dizer que a imaginação criadora do homem é inesgotável, há certa distância. Ele é também um ser finito, de natureza, e um ser fatigável. Cansando-se de seus brinquedos, procura outros, que por sua vez o cansam.

É a sede econômica do lucro incessante e maior, di-rão os especialistas de mercado. Se uma forma de ganho passa a render menos, cria-se outra. O cinema já era. Desloca-se o jogo de imagens para dentro de casa, e providencia-se um supermercado, um *shopping center*, um negócio que dê mais.

Render mais para quê? Para nos tornar mais felizes, mais confortáveis, mais satisfeitos com a vida, ou simplesmente para render? Render então é um fim, um ideal? E render é a única atividade do homem, que não passa, enquanto ele mesmo vai ficando mais velho, menos capaz de saborear a alegria do seu lucro, menos homem enfim?

É, os cinemas acabam. Acabam igrejas, tribunais, museus, escolas, vivendas encantadoras onde se curte o prazer de existir, ler, conversar, amar, dormir. Acabam e cedem lugar a novas construções, que por sua vez... Dou-lhes trint’anos e essas novas formas estarão caducas. Onde a igreja do Posto 6 em Copacabana, em que era gostoso assistir à Missa do Galo? Virou fortaleza, hoje mais decorativa do que funcional. Onde o alegre restaurante-

bar Mère Louise, das imediações? Onde o Cassino Atlântico (tilintante de fichas e “façam jogo, meus senhores”, com seu cineminha simpático), que sucedeu à Mère Louise? Onde o Cine Metro Copacabana, todo hollywoodesco? E os outros cineminhas do bairro? Foram sumindo, com seus cinemeiros, e outras atividades comerciais se instalaram onde a gente se encontrava com as deusas da “arte muda” e da “arte falada”, registrando e arquivando tópicos de memória que ficaram pertencendo à biografia de cada um. Para sempre — um sempre relativo, escravizado também ao contínuo escoamento de pessoas e de coisas por elas amadas.

A gente amava um cinema de bairro pela soma de emoções que ele oferecia, como se o filme tivesse sido elaborado ali e então. A lembrança do artista ficava trançada com o nome de casa. Mesmo porque, em geral, certos filmes, de certas marcas, só eram exibidos em tal cinema, e ninguém era bastante infiel para se deslocar de bairro em busca de outro filme, de outra fase, do mesmo artista. Havia mesmo preferências decididas ora pela Metro Goldwin Meyer, ora pela Fox, ora pela Columbia ou pela RKO. E os cinemas, presos a contratos especiais, exibiam só as produções de cada marca. Se um artista bem amado trocava de *studio*, o freqüentador também trocava de cinema, acompanhando. Cinema era importante, muito.

Daí surgiu a forte relação cinema-espectador, que imperou dezenas de anos para também se diluir. Os nomes de produtoras perderam o interesse. A MGM é caricatura do que foi nos áureos tempos, a WB diversificou-se a tal ponto que já não se sabe se é fábrica de filmes ou fábrica de tudo. O espectador deixou-se ficar em casa, vendo filmes dublados; que a princípio lhe doíam como dor no canino e hoje são deglutidos sem ninguém se dar conta da falsa voz de Ursula Andress.

O Caruso e o Rian, quem da velha ou das novas gerações não incorporou um pouco do que os dois lhe doaram em sensação perdurável, dessas que ficam depositadas num desvão da memória e de súbito reaparecem, lustrosas e vivas como no instante remoto? Então nos insurgimos contra o desaparecimento dessas casas; que em certo grau se ligaram à nossa vida, e acabaram antes que nós acabássemos — uma injustiça, pelo menos uma irregularidade. Quem não sentiu a perda de um cinema freqüentado durante anos tem memória nublada ou coração de pedra.



Espeços do Sonho

*Situado na valorizada Avenida Atlântica, em Copacabana, o Cine Rian cedeu lugar a mais um arranha-céu.*



Ana Maria/AJB

*Em abril de 1977 o Metro Copacabana era demolido: desaparecia outra sala tradicional do Rio de Janeiro.*